



Carta Aware

MARÇO 2024

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Um balde de água fria para os precoces da classe.

Quem esperava cortes até o meio do ano, está vendo o cerco se fechar. Na verdade, não é impossível o mundo em que não tenhamos cortes em 2024, ainda que o previsto sejam 3.

Impressionante também o fenômeno de desvinculação das preferências eleitorais e do sucesso econômico, ao qual dá para se dizer que vem superando o impacto esperado, e gerado uma enxaqueca terrível para o Fed.

O Fomc, decidiu em março, manter no mesmo nível os juros básicos da economia do país. A taxa oscila dentro de uma banda entre 5,25% e 5,50% ao ano desde julho do ano passado. "O Comitê não espera que seja apropriado reduzir o intervalo da meta até que tenha ganhado maior confiança de que a inflação está evoluindo de forma sustentável para 2%", diz o comunicado. Ainda assim, 10 dos 19 responsáveis da Fed ainda consideram que a taxa de juro cairá pelo menos 0,75 ponto percentual até ao final deste ano, uma visão mediana estabelecida pela primeira vez em dezembro e mantida agora apesar da recente inflação mais forte do que o esperado.

No tom do gogó de Powell, eis que as asinhas que derrubariam os juros deveras irão levantar voo com o aquecimento da economia. O presidente do BC reforçou preocupação com a trajetória fiscal dos Estados Unidos, afirmando que atualmente a situação "não está em caminho sustentável". "Faremos o que for preciso com nossas ferramentas de política monetária para garantir estabilidade da inflação e do emprego, assumindo que autoridades cuidarão da parte deles", disse Powell, ao ser questionado em evento institucional. "Mas esperamos que seja possível alcançar sustentabilidade fiscal em breve. E quanto mais cedo isso acontecer, melhor". Questionado sobre o balanço patrimonial do Fed, Powell reforçou que este não é o principal instrumento de política monetária do BC, mas garantiu que manterá a transparência do processo de redução dos títulos, o tal aperto quantitativo.

No referente à inflação, o índice de preços de consumo avançou em 0,3, ligeiramente abaixo da previsão de 0,4%. O núcleo, excluindo itens voláteis, subiu 0,3%, em linha com o esperado. Na comparação anual, o PCE subiu 2,5% em fevereiro, ganhando leve força ante o acréscimo de 2,4% visto em janeiro, enquanto o núcleo avançou 2,8%, perdendo força em relação ao mês anterior, quando houve alta de 2,9%, segundo dado revisado. E esse crescimento fora da curva já mexe com as expectativas de longo prazo. Na revisão, o Departamento de Comércio informou que o crescimento do PIB da maior economia do mundo foi de 3,4% em ritmo anual nos últimos três meses de 2023. O resultado supera a primeira e segunda estimativas, de 3,3% e 3,2%, respectivamente.

A paciência é uma virtude, e para Powell agora é o momento de abusar da mesma, sem perder o timing. Acertar a mosca, achar a agulha no palheiro.

O tal pulo do gato.

Europa

Eis que então, quando já não se via mais a luz, a esperança se nega a padecer.

De forma pioneira, os nórdicos mostram que existe u mundo em que o caldo não entorna. Hoje o Riksbank, o banco central da Suécia, deixou seus juros inalterados em 4%, mas sinalizou que deve começar a cortar suas taxas em maio ou junho. Ao redor do Velho Continente, as economias dão sinais de que o timing ideal para o afrouxamento de juros está, em alguma medida, se aproximando. O PMI industrial da zona do euro caiu a 46,1 na leitura final de março, mas ficou acima da estimativa preliminar. O mesmo ocorreu na Alemanha.

E a fragilidade alemã, configurando cenário propício à queda, já se demonstra em dados. Os principais institutos econômicos alemães disseram que esperam que a economia do país cresça 0,1% em 2024, reduzindo sua previsão anterior de 1,3%, uma vez que as taxas de juros altas, a demanda global fraca e a incerteza política diminuíram as expectativas de uma recuperação mais forte. "Embora seja provável que uma recuperação se inicie a partir da primavera (no hemisfério norte), o impulso geral não será muito forte", disse Stefan Kooths, chefe de pesquisa econômica do Kiel Institute for the World Economy (IfW). As exportações alemãs diminuíram apesar do aumento da atividade econômica global, principalmente porque a demanda por bens de capital e intermediários, que são importantes para a Alemanha, é fraca e a competitividade de preços para bens com uso intensivo de energia é prejudicada, disseram eles.

De bom, os preços caindo. O CPI germânico desacelerou para 2,2% em março, ante 2,5% em fevereiro, atingindo o menor nível desde abril de 2021, segundo dados preliminares divulgados pelo Destatis, o escritório de estatísticas do país.

Nos domínios "Charleanos", a sopa também não está azedando mais, até o momento.

Mesmo que, com uma recessão técnica em curso de forma superficial, o desafio de Sunak não mais somente é as desventuras em série vividas pela economia, mas sim, em ano eleitoral, convencer o colégio eleitoral britânico de que ele tem o necessário para entregar um trabalho bem feito. O PIB encolheu 0,1% no terceiro trimestre e 0,3% no quarto, sem alterações em relação às estimativas preliminares, informou o Gabinete para Estatísticas Nacional. Os números serão decepcionantes para Sunak, acusado pelo Partido Trabalhista da oposição – muito à frente nas pesquisas de opinião – de supervisionar a "recessão de Rishi".

Paralelamente, o que pesa em favor de Sunak é a expansão da manufatura, que volta a demonstrar pujança. O PMI industrial inglês subiu de 47,5 em fevereiro para 50,3 em março, atingindo o maior nível em 20 meses, segundo dados finais publicados nesta terça-feira, 2, pela S&P Global em parceria com a CIPS.

Europa (cont.)

Em contrapartida, a inflação cai e gera a margem de manobra para os juros. O CPI desacelerou para 3,4% em fevereiro, ante 4% em janeiro, segundo dados publicados pelo ONS, o órgão de estatísticas do país. O resultado de fevereiro ficou abaixo da expectativa de analistas consultados pela FactSet, que previam arrefecimento da taxa para 3,5%. Na comparação mensal, o CPI britânico subiu 0,6% em fevereiro. Já o núcleo do CPI britânico, que desconsidera preços de energia e alimentos, avançou 4,5% na comparação anual de fevereiro, também perdendo força ante o acréscimo de 5,1% de janeiro.

O ministro de Finanças do Reino Unido, Jeremy Hunt, disse que a queda da inflação do Reino Unido mostrada por dados publicados mais cedo "abre as portas para cortes de juros pelo Banco da Inglaterra", segundo a mídia britânica. Hunt afirmou que o plano do governo britânico "está funcionando" e que a inflação se encaminha para voltar à meta oficial de 2% do BoE "em questão de meses". Para o ING, a hipótese mais provável é que a primeira redução do juro britânico virá em agosto.



Ásia

China

A Páscoa pode realmente significar momento de renovação e espiritualidade. O poço não era tão fundo assim, e ainda que com inconvenientes deflacionários, parece que a China parou de cair.

O PBoC fará de tudo ao seu alcance para que a sino-economia volte a crescer. O BC chinês informou que implementará de forma precisa e eficaz uma política monetária prudente, dará mais atenção aos ajustes anticíclicos e fará esforços para expandir a demanda doméstica e aumentar a confiança. Além disso, dará suporte aos bancos para reporem o capital e orientará as instituições financeiras a aumentarem os empréstimos de médio e longo prazo para a indústria manufatureira.

Dados econômicos sobre o período de janeiro a fevereiro e uma pesquisa com proprietários de fábricas em março sugeriram um início de ano melhor para a segunda maior economia do mundo. A atividade industrial da China se recuperou em março, interrompendo uma queda de cinco meses e adicionando evidências de que o setor fabril do país está ganhando impulso. O PMI da manufatura chinesa expandiu para 50,8, a leitura mais alta em um ano, um estímulo para os formuladores de políticas monetárias que buscam restaurar a confiança na segunda maior economia do mundo. O novo dado vem na sequência da produção industrial mais acelerada em dois anos para janeiro e fevereiro, e também de um aumento nas exportações nos dois primeiros meses do ano. As exportações no período de janeiro a fevereiro reacenderam esperanças de uma recuperação econômica mais ampla, subindo 7,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. Os preços ao consumidor subiram em fevereiro pela primeira vez em cinco meses, enquanto a taxa de desemprego urbano aumentou para 5,3% em relação a 5,1% em dezembro, refletindo um mercado de trabalho sombrio que está pesando sobre a demanda doméstica. O aumento do desemprego vem acompanhado de evidências de um declínio na média de horas de trabalho na China, o que os economistas geralmente interpretam como um sinal de que as pessoas estão subempregadas ou trabalhando bem abaixo de seu potencial.

Ásia (cont.)

O setor imobiliário permaneceu como um grande peso sobre a economia, com o investimento caindo 9% e as vendas de imóveis despencando 33% em valor nos meses de janeiro e fevereiro em relação ao ano anterior. A acomodação do minério de ferro a um preço de cerca de US\$ 100 a tonelada é sinal de uma reconfiguração mais ampla do mercado de matérias-primas na China, que agora favorece a nova economia em detrimento da antiga. O enfraquecimento do minério de ferro contrasta com sinais de que a economia chinesa, em geral, começa a se recuperar. A atividade das fábricas interrompeu cinco meses de contração em março, superando as estimativas. Essa divergência entre uma recuperação liderada pela indústria e um mercado imobiliário que se arrasta deve se aprofundar à medida que o governo em Pequim procura novos motores de crescimento em setores como energias renováveis e tecnologia avançada. Em seu auge em 2018, o setor imobiliário representava quase um quarto da economia da China, de acordo com a Bloomberg Economics. Agora é menos de um quinto. O governo evita aumentar despesas com grandes projetos, como fez no passado para impulsionar a economia, e o endividamento dos governos locais também virou um obstáculo. Normalmente, a atividade de construção chinesa ganhava força em março, com o fim do inverno no Hemisfério Norte, mas isso não parece ter acontecido este ano, o que gera incerteza sobre a demanda. Siderúrgicas chinesas como Angang Steel e Maanshan Iron & Steel divulgaram prejuízos piores do que o esperado em 2023, e a Maanshan alertou que as condições "permanecerão sombrias devido ao descompasso entre a oferta e a demanda em 2024".

O cerco do presidente Xi Jinping ao setor imobiliário e seu foco em "novas forças produtivas" pode muito bem ser o prenúncio de uma era em que o minério de ferro e o aço desempenharão um papel menor em relação aos metais usados na transição energética, como o cobre. O minério de ferro não pode ficar abaixo de US\$ 100 por tonelada por muito tempo sem que os produtores que lidam com custos mais elevados fechem as portas. Isso reduziria a oferta e estabeleceria um piso para os preços no curto prazo. Mas é a demanda de longo prazo que preocupa mais. O governo da Austrália, o maior fornecedor da China, espera preços no embarque de US\$ 95 a tonelada este ano, US\$ 84 no ano que vem, com estabilização na casa dos US\$ 70 até 2029.



Ásia (cont.)

Índia

Já não bastasse estar transbordando gente, dinheiro e crescimento, pelo visto as nádegas voltadas para a Lua também influenciaram positivamente a produção agrária indiana.

O setor açucareiro indiano pediu ao governo que permita a exportação de um milhão de toneladas de açúcar, uma vez que as chuvas fora de época nas principais regiões produtoras de cana levam ao aumento da produção. É provável que o país produza 32 milhões de toneladas do adoçante no atual ano comercial, que termina em 30 de setembro, contra uma demanda local de 28,5 milhões de toneladas, informou a Isma (Associação Indiana de Fabricantes de Açúcar e Bioenergia). Espera-se que a maior produção aumente os estoques no país para 9,1 milhões de toneladas até o final do atual ano comercial, acima das 5,6 milhões de toneladas do ano passado, criando espaço para permitir exportações de um milhão de toneladas, de acordo com um comunicado da associação.

O segundo maior produtor de açúcar do mundo não permitiu exportações na atual temporada para manter os preços locais sob controle antes das eleições parlamentares da Índia, que serão realizadas durante quase sete semanas a partir de 19 de abril.

Ásia (cont.)

Japão

É só isso. Não tem mais jeito. Acabou. Boa sorte!

Não tenho o que dizer. São só palavras. E o juros... Subirão!

O BoJ resolveu encerrar a política de juros negativos e anunciou a elevação da taxa pela primeira vez em 17 anos. Mesmo com a elevação, a taxa de juros japonesa ficará próxima a zero, variando entre 0% e 0,1%. Mesmo com a mudança, a elevação dos juros terá um impacto muito pequeno, sem aumento nos custos de financiamento. Por outro lado, existem riscos no custo do financiamento da dívida pública do país. Outro impacto possível seria a retirada de dinheiro de investidores japoneses em outros países para reaplicação dentro do Japão, o que pode mexer com o mercado internacional. O PM, Fumio Kishida, disse que é apropriado que o banco central do país mantenha as condições monetárias ultrafrouxas. O governo continuará se coordenando estreitamente com o Banco do Japão para garantir que os salários continuem subindo e que a economia abandone completamente a deflação, disse ele. Kishida disse que o principal mandato de seu governo é garantir que as empresas e as famílias saiam de uma mentalidade deflacionária. "Prometo garantir que os salários aumentem em um ritmo superior à taxa de inflação a partir do próximo ano", disse ele.

As mudanças também já começam a surtir efeito no câmbio nipônico. A moeda do país caiu ao menor patamar frente ao dólar em 34 anos. A janela de tempo é simbólica porque a bolsa de Tóquio está no maior patamar em 34 anos. O ministro das Finanças do Japão, Shunichi Suzuki, disse que as autoridades estão prontas para tomar as medidas apropriadas contra a volatilidade excessiva da taxa de câmbio, repetindo seu alerta sobre o iene enquanto Tóquio tenta evitar uma queda desestabilizadora da moeda.

América Latina

Argentina

Marcando 100 dias de governo, a regência Milei demonstra contrastes.

Concomitante ao corte brutal nos gastos governamentais e repaginada estrutural, a Argentina ainda sofre violentamente com uma obesa inflação e uma pobreza generalizada.

O povo hermano registrou um superávit fiscal primário de 1,23 trilhão de pesos (US\$ 1,45 bilhão) em fevereiro, informou o ministro da Economia do país, Luis Caputo. Esse foi o segundo mês consecutivo de superávit no país após anos de déficits regulares. Na tentativa de controlar a inflação elevada, Javier Milei implementou medidas de austeridade, incluindo cortes dolorosos nos gastos do Estado, reduzindo subsídios e podando o setor público. Caputo acrescentou que os dois primeiros meses de 2024 registraram um superávit fiscal de 3,24 trilhões de pesos, representando 0,5% do PIB. O superávit fiscal financeiro — que inclui pagamento líquido de juros sobre a dívida pública — foi de 338,1 bilhões de pesos no mês e, cumulativamente, 856,5 bilhões de pesos nos dois primeiros meses do ano.

A monstruosa inflação até desacelerou, mas ainda permanece um Fitz Roy a ser escalado. O índice de preços ao consumidor ficou em fevereiro com uma taxa de 13,2% anunciada pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec). A inflação acumulada no ano chega a 36,6% e a de 12 meses está agora em 276,2%. Segundo o Indec, o grupo de maior aumento no mês foi o de Comunicação (24,7%), fruto das altas nos serviços de telefonia e internet. Ele foram seguidos por Transporte (21,6%), pressionados por reajustes no transporte público, pelos gastos do domicílio ("Vivienda"), que subiram 20,2%, espelhando preços mais altos de água, eletricidade, gás e outros combustíveis. O grupo com maior peso foi o de Alimentos e bebidas não alcoólicas (11,9%), com forte pressão de carnes e derivados, pães e cereais e leite e outros produtos lácteos.

Mesmo com essa apocalíptica inflação que assombra os lares argentinos, o BC optou por reduzir juros de 100% para 80% ao ano. Ao justificar a decisão, a autoridade monetária afirmou que, "desde 10 de dezembro de 2023, a situação econômica apresenta sinais visíveis de redução da incerteza macroeconômica". Informou ainda que o país está em uma "trajetória de queda da inflação no varejo". De acordo com a autoridade monetária, há uma trajetória de queda da inflação no varejo, "apesar do forte peso estatístico que a inflação carrega nas suas média mensais". O BC destacou também haver "perspectivas favoráveis para a inflação subjacente" (ou seja, para o futuro da inflação). A autoridade monetária argumentou também que o país tem conseguido uma "acumulação sustentada de reservas internacionais". "A partir de 10 de dezembro de 2023, o BC conseguiu comprar de forma constante 9,6 bilhões de dólares no MLC, revertendo a tendência anterior em 2023, em que as reservas internacionais líquidas caíram 23,4 bilhões de dólares", diz o comunicado. Segundo o BC argentino, outro fator é a "estabilidade da diferença entre o preço oficial do dólar e as cotações paralelas, além da correção para baixo do preço dos contratos futuros de dólar na taxa de câmbio oficial".

América Latina (cont.)

No que depender de Javier, as asas do BC já já serão cortadas. Até 2025.

Milei disse que não vai insistir em uma das principais ideias de sua campanha: dolarizar a economia do país. Pelo menos, não até as eleições legislativas argentinas, que acontecem em 2025. Mas, em sua agenda, segue firme o propósito de acabar com o BC. "O que temos em mente é terminar com o Banco Central, que é um mecanismo de fraude, provavelmente um dos mecanismos pelos quais os políticos enganam os cidadãos de maneira mais grosseira e violenta, e isso é um objetivo." Contudo, fraquejou ao falar sobre suas promessas de dolarização. "Não falamos estritamente de dolarização", afirmou Milei. "Sempre falamos sobre competição entre moedas. E nessa competição, se uma moeda se impuser, a moeda que provavelmente será escolhida, devido às preferências dos argentinos, é muito provável que seja o dólar. Por isso se falou em dolarização. Mas, na verdade, sempre falamos sobre competição entre moedas."

Chile

Nos vizinhos andinos, tudo caminhando para a mais solene tranquilidade.

O PIB do Chile cresceu 0,1% no quarto trimestre de 2023 ante os três meses anteriores, segundo dados com ajustes sazonais publicados pelo banco central do país. Na comparação anual, o PIB chileno teve expansão de 0,4% entre outubro e dezembro. Em todo o ano de 2023, a economia do Chile avançou 0,2% em relação ao ano anterior.

Na política monetária, relaxamento. Ufa!

O BC chileno cortou sua taxa básica de juros em 75 pontos-base (pb), para 6,50% ao ano, em uma decisão unânime. O movimento marca o fim da aceleração no ritmo do relaxamento monetário, depois de ter cortado juros em 100 pontos-base na reunião de janeiro. Em dezembro, o BC chileno já havia reduzido juros em 75 PB. O comunicado da decisão de hoje destaca que a autoridade deve continuar reduzindo sua taxa de política monetária, com a magnitude dos cortes a depender da evolução do cenário macroeconômico global e suas implicações na trajetória da inflação do Chile. O BC também chama a atenção para a redução da inflação global enquanto crescem os riscos associados ao aumento de custos, principalmente no setor de transportes. A autoridade afirmou que a desaceleração nos cortes é consequência da alta nas taxas de inflação de curto e longo prazo, conforme registrado nos meses de janeiro e fevereiro, além da desvalorização do peso em meio à alta do mercado acionista chileno. Enquanto isso, o BC diz que a inadimplência cresceu em todas as carteiras de crédito, enquanto taxas hipotecárias também permanecem elevadas, e isso pesou no processo de flexibilização.

América Latina (cont.)

México

No México, com retomada de produções automotivas, a economia vai de forma lateralizada criando melhores perspectivas.

O Banxico decidiu reduzir sua taxa básica de juros em 25 pontos-base, a 11,00%. Uma maioria de quatro dirigentes votou por esse corte, mas uma integrante, Irene Espinosa Cantellano, preferia a manutenção da política monetária neste momento. No México, no primeiro trimestre a atividade econômica deve ter mostrado maior dinamismo, em relação à debilidade registrada no trimestre anterior, enquanto o mercado de trabalho seguia forte. A inflação desacelerou em fevereiro, a 4,40% na leitura anual. O núcleo dela também diminuiu, em 4,64% em fevereiro, aponta. Já as expectativas de inflação geral para o fim de 2024 tiveram um corte, com manutenção das expectativas para o núcleo. O Banxico diz prever que a inflação geral caminhe para a meta no segundo trimestre de 2025. Ele projeta que o processo de desinflação prosseguirá, diante da postura da política monetária e da mitigação de choques derivados da pandemia e da guerra na Ucrânia. O Banxico considera, de qualquer modo, que o balanço de riscos com respeito à trajetória prevista para a inflação no horizonte das previsões "se mantém inclinado para uma alta". A taxa de desemprego mexicana caiu de 2,9% em janeiro para 2,5% em fevereiro.

E os mexicanos pretendem mexer seus pauzinhos para emabralhar de vez a dinâmica dos preços do petróleo no mundo. Com uma Opep já reduzindo produção para controlar os níveis de preços, foi a vez do México de arregasar as mangas.

A Petróleos Mexicanos, também conhecida como Pemex, cancelou contratos para fornecer seu petróleo bruto de referência, o Maya, a refinarias nos EUA, Europa e Ásia, segundo pessoas com conhecimento da situação, que pediram para não serem identificadas porque a informação é privada. Os suprimentos físicos – especialmente os graus mais pesados e amargos, como o Maya – estão se tornando ainda mais escassos com a queda das exportações venezuelanas após a reintrodução de sanções dos EUA à sua indústria petrolífera. O JPMorgan Chase & Co. alertou na semana passada que o preço de referência global, o Brent, poderia atingir US\$ 100 o barril este ano. O plano da Pemex de suspender algumas exportações faz parte de um esforço para produzir mais gasolina e diesel domésticos antes da eleição presidencial de 2 de junho, disseram as fontes. O presidente Andrés Manuel López Obrador, cujo mandato está chegando ao fim, ganhou o cargo com a promessa de livrar o país das importações custosas de combustível. Seu esforço de vários anos para reformar o setor de refino do México está finalmente dando resultados. Em fevereiro, as seis refinarias do país operaram perto das taxas mais altas vistas em mais de seis anos. O consumo de petróleo deve continuar aumentando à medida que a Pemex trabalha para iniciar as operações comerciais da nova refinaria Olmeca, também conhecida como Dos Bocas, com capacidade para processar 340.000 barris de petróleo bruto por dia. As refinarias dos EUA provavelmente serão as mais afetadas pela redução das exportações de Maya. Fabricantes de combustíveis, incluindo Valero Energy Corp, Chevron Corp e Marathon Petroleum Corp, importam 420.000 barris da variedade pesada e amarga por dia. Em 2023, as exportações de Maya alcançaram 612.000 barris por dia.

Brasil

Envolvidos no turbilhão de incertezas e esperanças que caracteriza o panorama econômico nacional, adentramos um território onde a realidade se entrelaça com a expectativa, como uma trama de novela que se desenrola a cada novo capítulo.

À medida que mergulhamos mais fundo na complexidade do cenário econômico brasileiro, é evidente que a resiliência da atividade econômica do país continua sendo um ponto de destaque, mesmo diante dos desafios presentes. Enquanto observamos indicadores positivos no mercado de trabalho e no mercado de crédito, como níveis elevados de ocupação e concessões em ritmo satisfatório, não podemos ignorar os obstáculos que persistem, como a carga de juros sobre as pequenas empresas e as pressões inflacionárias, especialmente a inflação de serviços.

Olhando para os dados disponíveis, fica claro que, apesar das adversidades, há sinais encorajadores de que a economia está se adaptando e encontrando maneiras de se manter estável. A robustez do mercado de trabalho, aliada ao crescimento da massa salarial, reflete uma certa resiliência que sustenta a atividade econômica. No entanto, é essencial reconhecer que ainda há desafios a serem superados, como a persistência da carga de juros sobre as pequenas empresas, que pode continuar impactando a inadimplência nesse segmento.

Além disso, as pressões inflacionárias pontuais, especialmente a inflação de serviços, demandam uma análise cuidadosa e medidas estratégicas para mitigar seus efeitos sobre a economia. A recente composição da inflação corrente traz à tona preocupações adicionais, refletindo a incerteza em relação ao nível de ociosidade da economia e suas perspectivas de inflação.

Diante desse contexto, é fundamental uma postura ainda mais cautelosa do Banco Central (BC). O reconhecimento da resiliência da atividade econômica e a incerteza trazida pelos reajustes salariais elevados indicam a necessidade de uma análise detalhada e medidas estratégicas por parte do BC. A decisão de não sinalizar cortes nas próximas reuniões é acertada, porém, é possível que o cenário exija uma redução do ritmo de quedas ou até mesmo uma pausa nos cortes para garantir a convergência da inflação para o centro da meta.

Portanto, nossa análise sugere que, embora o cenário econômico brasileiro apresente sinais de resiliência, é necessário permanecer vigilante e adaptável às mudanças que possam surgir. A compreensão detalhada desses desafios e oportunidades nos permite ajustar nossas estratégias de investimento e navegar com mais segurança nesse ambiente complexo.

Juros & Câmbio

Em março, mais uma vez, o FOMC confirmou as expectativas do mercado e optou por manutenção da FFR (Fed Funds Rate), no intervalo entre 5,25% e 5,5%.

No comunicado, após incorporação dos novos dados de atividade e do mercado de trabalho, destacamos o trecho que menciona "crescimento sólido". Nesse cenário, houve a revisão da mediana da projeção de crescimento do PIB para 2024, de 1,4% para 2,1%.

Apesar de uma economia americana ainda aquecida, o PCE dos EUA referente ao mês de fevereiro apresentou alta de apenas 0,3%, abaixo da previsão de 0,4%, por parte dos analistas de Wall Street.

Outro ponto interessante do comunicado a se destacar é a respeito do Quantitative Tightening. Powell indicou que o assunto voltou a ser pauta do FOMC, que discutiu a redução do QT, atualmente em US\$ 95 bilhões.

Com a dinâmica de divulgação de dados mistos observada acima, o dólar DXY, que mede a força da moeda norte-americana contra uma cesta de moedas desenvolvidas, apresentou um mês altamente volátil, chegando a cair 1,7%, porém, encerrando o período em alta de 0,32%.

Nesse cenário, o dólar à vista encerrou o mês de março em alta de 0,88% contra o real, cotado aos R\$ 5,02. Desde o início do ano a alta já acumula 3,37%.

O Euro e Libra acompanharam a moeda norte-americana em relação à brasileira, avançando 0,77% e 0,87%, respectivamente.

Em solo nacional, o Copom anunciou redução dos juros em 75bps, conforme esperado pelos analistas da Faria Lima, no entanto, o ponto mais marcante da decisão se deu no comunicado, onde o Forward Guidance em relação aos próximos passos do BC foi alterado do plural para o singular, dando maior liberdade para os participantes do comitê reduzirem o ritmo do ciclo de queda de juros.

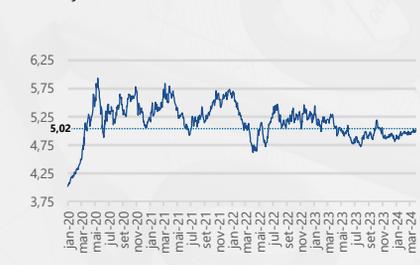
Em relação ao Bitcoin, o ativo apresentou mais um mês de alta expressiva, valorizando-se 16,5% em março. Após mais um mês em alta expressiva, a criptomoeda mais popular do globo registra valorização acumulada de 68,5%, desde o início do ano.

Esse movimento pode ser justificado, majoritariamente, pela aprovação de ETFs do ativo em solo norte-americano, em janeiro. O movimento foi replicado pela principal agência reguladora do mercado britânico, impulsionando ainda mais as cotações.

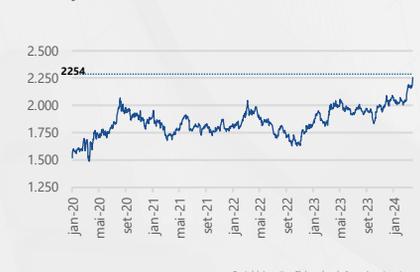
Moedas

Dólar	5,02	0,88%
Euro	5,41	0,77%
Libra	6,33	0,87%
Yuan	0,69	0,42%
Iene	0,03	0,03%
Lira Turca	0,15	-2,96%

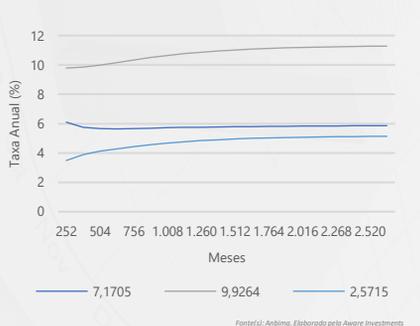
Evolução Dólar



Evolução Ouro



Curva de Juros



Bolsas

Ao longo do mês de março, a maior parte dos mercados acionários globais operaram em terreno positivo, impulsionados pela expectativa de cortes de juros nos EUA no segundo semestre (expectativa essa que, posteriormente, acabou se frustrando com os comunicados do FED), e recuperação econômica na China.

No Brasil, tivemos o encerramento da temporada de balanços referente ao 4º trimestre de 2023. Quando comparamos a temporada atual ao ano anterior, os resultados foram sólidos, com receita, EBITDA e lucro líquido consolidados (ex-Petrobras e Vale) apresentaram altas de 1,8%, 12,2% e 19,4%, respectivamente.

Em reposta à discussão de juros nos EUA e a temporada de balanços, o Ibovespa e o índice de Small Caps apresentaram desempenhos mistos, sendo o primeiro em baixa de 0,7% e o segundo em alta de 2,1%. Após esses resultados mensais, os índices registram desempenho desde o início do ano de -4,5% e -4,09%, respectivamente. Em relação ao EWZ, a baixa foi de 1,79%, contribuindo para -7,27%, desde o início do ano.

Março foi mais um mês marcado pela retirada de recursos da Bolsa brasileira, por parte dos investidores negativos. O saldo foi negativo em R\$ 5,55 bilhões, contribuindo para retiradas acumuladas de R\$ 21,89 bilhões, desde o início do ano.

Nos Estados Unidos, o S&P 500 registrou valorização de 3,1%, renovando sua máxima histórica, mais uma vez, aos 5.254 pontos. No ano, o principal índice global já acumula ganhos de 10,16%.

Ainda em solo norte-americano, em relação às ações de tecnologia, a Nasdaq, a alta mensal foi de 1,79%, contribuindo para ganhos acumulados de 9,11%, desde o início do ano.

No Velho Continente, observamos dinâmica favorável, acompanhando a tendência de alta norte-americana, com o Euro Stoxx registrando valorização de 4,22%. Nesse cenário, destacamos o DAX, em alta de 4,61%. O CAC, principal índice francês, registrou performance superior a 3,5%. Por fim, na eterna Terra da Rainha, o FTSE registrou ganhos de 4,23%.

Na Ásia, os índices Shenzhen, Shanghai e Hong Kong registraram altas de 0,75%, 0,86% e 0,18%, respectivamente, em resposta as melhores perspectivas econômicas.

Por fim, na Terra do Sol Nascente, o Nikkei registrou ganhos de 3,07%, contribuindo para valorização acumulada de 20,63, desde o início do ano.

Índices

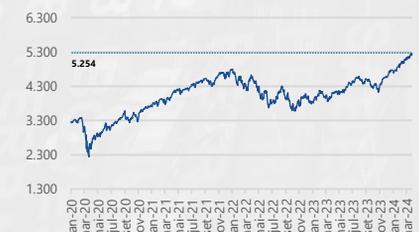
Ibovespa	128.106,10	-0,71%
S&P 500	5.254,35	3,10%
Nasdaq	16.379,46	1,79%
Euro Stoxx 50	5.083,42	4,22%
Shanghai	3.041,30	0,87%

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

“São as águas de março fechando o verão...” Ou talvez não...

Diferente do clássico amplamente conhecido na voz de Elis Regina e Tom Jobim, não podemos afirmar que é o “fundo do poço”, ou o “fim do caminho” para os juros altos. Isso porque a economia norte-americana continua surpreendendo o mercado com dados que indicam que a atividade econômica, segue resiliente ao nível de juros atual. Como mencionado em nossa última carta, o FED não iniciou seu ciclo de flexibilização monetária. Apesar de ainda ser uma aposta majoritária, o mercado já começa a se perguntar se realmente veremos o primeiro corte de juros em junho ou julho.

Já na Europa, se começa a avistar “uma ave no céu”. François Villeroy de Galhau, Dirigente do Banco Central Europeu (BCE), sinalizou no fim do mês, a expectativa de que a autoridade monetária comece a cortar os juros na primavera europeia, que se estende até meados de junho. No entanto, ele indicou que o processo deve se iniciar com uma redução “moderada” da taxa básica, e que o ciclo de relaxamento deverá ser “gradual”. Se os dados europeus continuarem dentro das expectativas, não será nenhuma surpresa se o velho continente iniciar seu ciclo de queda dos juros antes dos EUA.

No Brasil, se vê “no rosto um desgosto”. Mesmo os dados econômicos vindo dentro das expectativas, isso acabou ficando para o segundo plano. Primeiro, porque estamos sensíveis ao cenário externo, que vem impactando mais do que os dados locais. Segundo a preocupação fiscal tem aumentado: o Governo projeta um déficit de R\$ 9,3 bi em 2024, diferente do “deficit zero” prometido ao longo de 2023. Com isso, o mercado já começa a reavaliar as projeções da taxa Selic para o final desse ciclo. Além disso, a combinação de um cenário interno incerto, com juros mais altos nos EUA, pode fazer com que a fuga de capital estrangeiro continue impactando a bolsa local, e fortalecendo o Dólar perante o Real.

Enquanto isso, as atenções continuam tanto nas expectativas de retomada da China, cuja economia tem demorado a refletir os estímulos proporcionados, quanto para uma escalada no conflito no Oriente Médio, que vem acumulando uma série de preocupações sobre seu desfecho. Essas duas questões ainda causam certo receio nos mercados, causando um sentimento de cautela no curto prazo.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com